

Eveline Boppré Besen Wolniewicz
Orientador: Dr. Nilo Otani
Coorientadora: Dra. Marimar da Silva

Exposição fotográfica “O trabalho dos TAE em imagens e textos”: intervenção por meio da imagem fotográfica





“Fotografar é colocar na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração”.
Henri Cartier-Bresson

Ficha Técnica

Organização: Eveline Boppré Besen Wolniewicz

Pesquisa e Redação: Eveline Boppré Besen Wolniewicz

Orientação e revisão: Professor Dr. Nilo Otani

Professora Dra. Marimar da Silva

Fotografias: Eveline Boppré Besen Wolniewicz

Design Gráfico: Leonardo Guerreiro



Wolniewicz, Eveline Boppré Besen

Exposição fotográfica “O trabalho dos TAE em imagens e textos”:
intervenção por meio da imagem fotográfica/

Eveline Boppré Besen Wolniewicz – Florianópolis, SC: IFSC, 2019.

61f.

Produto da Dissertação “A construção da identidade profissional do técnico-administrativo em educação: saindo dos bastidores da Educação Profissional e Tecnológica” – Instituto Federal de Santa Catarina.

1. Técnico-administrativo em educação. 2. Identidade Profissional. 3. Educação Profissional e Tecnológica. 4. Exposição Fotográfica. 5. Produto educacional.

Sumário

1 O PRIMEIRO FLASH.....	7
2 FOTOGRAFIA: COMPREENSÕES CONCEITUAIS.....	9
3 EXPOSIÇÃO: CONCEPÇÃO, MONTAGEM E AVALIAÇÃO.....	16
3.1 EXPOSIÇÃO: ELEMENTOS DE CONSTRUÇÃO EXPOGRÁFICA E A EXPERIÊNCIA DO PÚBLICO.....	16
3.2 FASE DE PLANEJAMENTO E DE IDEIA.....	17
3.2.1 Definir o local da exposição.....	20
3.2.2 Levantar bibliografia sobre exposição.....	21
3.2.3 Visitar exposições que estejam em cartaz na cidade.....	22
3.2.4 Elaborar a proposta conceitual da exposição.....	27
3.3 FASE DE DESIGN.....	31
3.4 FASE DE ELABORAÇÃO TÉCNICA.....	32
3.5 FASE DE MONTAGEM.....	35
3.5.1 Divulgar institucionalmente.....	38
3.5.2 Produzir o texto de abertura e a ficha técnica.....	38
3.5.3 Registrar presença no livro de visitantes.....	41
3.5.4 Instalar a exposição.....	42
3.6 FASE DE MANUTENÇÃO, ATUALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO.....	44
3.6.1 Manutenção.....	44
3.6.2 Atualização.....	48



3.6.3 Avaliação.....	48
3.6.3.1 Aprofundando a avaliação.....	50
4 O ÚLTIMO FLASH.....	55
5 REFERÊNCIAS.....	57



1 O primeiro flash

Caro (a) Leitor (a)

Apresento a você o encarte do produto educacional construído e implementado no decorrer do curso de mestrado profissional em rede nacional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). A produção de um produto educacional é uma exigência demandada em programas de pós-graduação profissionais na área de ensino, área que por definição é interdisciplinar.

De modo geral, os cursos de mestrado profissional na área de ensino destinam-se aos professores em exercício na educação básica e os produtos educacionais produzidos pelos alunos devem ser publicados em alguma plataforma *online* de modo a ficarem disponíveis para que possam ser utilizados por outros profissionais. O ProfEPT desde a divulgação do primeiro edital do processo seletivo oportunizou o ingresso tanto de docentes quanto de técnicos-administrativos em educação (TAE), além de ter disponibilizado vagas de ampla concorrência destinadas à comunidade em geral, congregando de maneira inédita profissionais de diversas áreas de formação como administradores, contadores, jornalistas, enfermeiros, educadores físicos, pedagogos, dentre outros.

A proposta do ProfEPT busca proporcionar qualificação profissional em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com a finalidade, tanto de produzir conhecimento, como de desenvolver produtos, por meio de pesquisas de natureza aplicada que integrem os saberes inerentes ao mundo de trabalho e ao conhecimento sistematizado.

Ao voltar o meu olhar para as situações reais vividas em minha atuação profissional e buscar delinear uma proposta de intervenção na realidade vivida por meio do produto educacional, o esforço não foi de pequena proporção, uma vez que o cargo que ocupo em uma Universidade Federal Pública é o de administradora e o ambiente organizacional onde estou inserida é o administrativo, no setor de compras e licitações.

A minha pesquisa de mestrado não teve como foco a sala de aula, a formação de professores ou processos que envolvem diretamente alunos e professores. Meu propósito foi compreender o processo de construção da identidade profissional do TAE na EPT.

Além disso, o fato de ter ingressado na primeira turma do Programa e, portanto, não ter contado com um *portfólio* referencial de produtos educacionais elaborados por colegas de turmas anteriores, maximizou o desafio posto.

Apesar das dificuldades, acredito que encontrei um caminho com o auxílio de meus professores orientadores. Depois de muito estudo e troca de ideias, chegamos à proposta de realizar um produto educacional classificado na tipologia atividades de extensão (exposições) de acordo com o documento da área de Ensino da Capes para os mestrados profissionais.

Não restam dúvidas que uma escola não se faz apenas com professores e alunos. Sempre estiveram presentes nas escolas outros trabalhadores e os TAE, especificamente, possuem um papel muito importante na EPT. Sendo o universo da EPT o universo do trabalho e dos trabalhadores, busquei em minha pesquisa descortinar o trabalho desempenhado pelos TAE e revelar aspectos do contexto de trabalho onde esse trabalhador está cotidianamente inserido, de maneira que ele tenha voz e se sinta protagonista do processo de constituição da sua identidade profissional.

Para tanto, a fotografia foi utilizada como uma aliada para a ampliação do olhar. Minha intenção aqui é compartilhar a experiência que vivenciei durante este intenso processo criativo de criar uma exposição fotográfica e convidá-lo (a) a criar a sua. Espero que esse material também contribua com novas ideias para que outros alunos consigam articular com êxito o ensino (no cotidiano da sala de aula ou nos diferentes espaços educativos), a pesquisa e a extensão para o desenvolvimento do produto educacional.

Estou aqui para dividir minhas experiências, erros e acertos e com isso espero trazê-lo comigo nesta aventura!

Eveline

Florianópolis, verão de 2019.

2 Fotografia: compreensões conceituais

O uso de imagens, especialmente fotográficas, ocupa um lugar de destaque no campo das ciências humanas – nas investigações antropológicas em particular, a exemplo do que pode ser constatado na obra de Margaret Mead, Gregory Bateson e Bronislaw Malinowski (SAMAIN, 1995).

Margaret Mead foi a primeira antropóloga a defender o uso de imagens na pesquisa antropológica. Juntamente com Gregory Bateson, Mead pesquisou, entre os anos de 1936 e 1939, os balineses – pesquisa que deu origem à obra *Balinese Character: a photographic analysis* (1942), considerada a principal obra de referência quanto à utilização da fotografia no campo da antropologia (NAKAOKA, 2016).

Margaret Mead reconhecia que havia chegado o momento em que não era mais suficiente falar e construir discursos a respeito do homem apenas descrevendo-o. Era preciso ir além. Mostrá-lo, expô-lo, torná-lo visível para melhor conhecê-lo, sendo a objetividade de tal conduta não mais ameaçada pelo visor da câmera fotográfica do que pelo caderno de campo do antropólogo (SAMAIN, 1995).

Guran (1997) desenvolveu um estudo com o objetivo de analisar as principais questões teóricas e práticas inerentes à produção e à utilização de fotografias na pesquisa antropológica. Apesar do estudo do autor localizar-se no campo de conhecimento da antropologia, aproximo-me de algumas de suas reflexões que considero importantes a respeito do uso da fotografia em pesquisa científica.

O autor afirma que a fotografia produzida durante uma pesquisa antropológica cumpre duas finalidades distintas: a) a fotografia feita com o objetivo de se obter informações; e b) a fotografia feita para demonstrar ou enunciar conclusões. Em relação ao primeiro tipo, denominado por Guran (1997) como a fotografia produzida ‘para descobrir’, corresponde àquele momento da observação participante em que o pesquisador se familiariza com o seu objeto de estudo, vivencia o cotidiano de uma comunidade e suas primeiras percepções servem para balizar o trabalho de campo. As fotos obtidas nesta fase podem ser utilizadas diretamente em entrevistas com os participantes e servem como referência para a construção do objeto de estudo. Elas podem ainda contribuir para que “o pesquisador avance na compreensão da

realidade estudada, voltando a ser utilizadas em outras etapas do trabalho para enunciar ou explicitar conclusões” (GURAN, 1997, p. 2).

No que diz respeito à fotografia ‘para contar’, a segunda finalidade abordada pelo autor, corresponde ao momento em que o pesquisador já compreende e, de certa maneira, domina o seu objeto de estudo e utiliza a fotografia para destacar aspectos marcantes da cultura estudada e desenvolver sua reflexão apoiado nas evidências que a fotografia aponta (GURAN, 1997).

A finalidade do uso da fotografia em meu estudo aproxima-se do uso da fotografia ‘para descobrir’, utilizada com o objetivo de ajudar a fazer emergir novas pistas que permitirão uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Nesse sentido, Novaes (1998) destaca que

o uso da imagem acrescenta novas dimensões à interpretação da história cultural, permitindo aprofundar a compreensão do universo simbólico, que se exprime em sistemas de atitude por meio dos quais os grupos sociais se definem, *constroem identidades* e apreendem mentalidades (p. 116, grifo nosso).

Mas então o que é fotografia? Henri Cartier-Bresson (1952), citado por Guran (1997), define fotografia como (...) “o reconhecimento simultâneo, numa mesma fração de segundo, da significação de um fato e a organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem esse fato” (p. 8). Essa peculiaridade faz da fotografia uma realização estritamente pessoal, resultado direto da interação entre o fotógrafo e o conteúdo da cena registrada.

E o que a fotografia nos revela? A fotografia revela o lado aparente da vida, visível na sua exterioridade. Revela a aparência das coisas, das pessoas, da natureza, detalhe da vida que se pretendeu mostrar num dado momento (KOSSOY, 2016). Ademais, a fotografia é um dos principais expedientes para experimentar algo, dando uma aparência de participação (SONTAG, 2004).

Uma das mais significativas contribuições da fotografia ao meu trabalho reside na possibilidade que oferece à pesquisa, à descoberta e às várias “leituras” que os receptores farão dela ao longo da história.

Considerando, no seu conjunto, a linha de pesquisa onde meu estudo está localizado (Organização e memórias de espaços pedagógicos na EPT/ macroprojeto 4 - História e Memórias no contexto da EPT), os objetivos almejados, a pesquisa narrativa (método proposto), cujo interesse dos pesquisadores é a experiência

vivida, ou seja, as vidas humanas e como elas são vividas, a fotografia despontou como uma verdadeira aliada nesse meu caminhar investigativo, uma vez que para Guran (1997), uma função da fotografia é destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou os grupos sociais representam, organizam e classificam as suas experiências e relacionam-se entre si.

Nessa direção, identifiquei os principais pontos de articulação teórica entre o tema da pesquisa, os objetivos, os procedimentos metodológicos e a decisão de utilizar imagens fotográficas na construção do meu produto educacional nos escritos de Sontag (2004), Telles (2006) e Kossoy (2016). Sontag (2004) afirma que “as fotos são, de fato, experiência capturada, e a câmera é o braço ideal da consciência, em sua disposição aquisitiva” (p. 14). Por sua vez, Telles (2006) destaca que “a fotografia proporciona e significa a experiência humana por meio das imagens escolhidas pelo fotógrafo” (p. 513). Já Kossoy (2016) relaciona fotografia e memória e considera que “fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 2016, p. 132).

Uma das potencialidades da fotografia é proporcionar fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre outros homens e sobre a natureza. Ela nos mostra um recorte da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética e ideologicamente) capturados num dado momento de sua existência ou ocorrência (KOSSOY, 2016).

Nessa perspectiva, Dubois destaca que

a imagem fotográfica como é inseparável do ato que o constitui, não é apenas um traço luminoso, é também um traço trabalhado por um gesto radical, que o cria inteiramente a partir de um único golpe, o gesto do corte, do corte que faz seus golpes caírem ao mesmo tempo sobre o segmento de duração e no continuum da extensão (1986, p. 141, tradução nossa).

Entre cortes e recortes da realidade, Sontag (2004) afirma que “a foto é uma fatia de espaço bem como de tempo” (p. 33). Ao fotografar, o fotógrafo escolhe necessariamente um enquadramento no espaço e um instante no tempo. Toda fotografia tem sua origem num espaço e tempo específicos, suas *coordenadas de situação* (KOSSOY, 2016, grifo do autor).

Devemos perceber ainda que a fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo e tem se

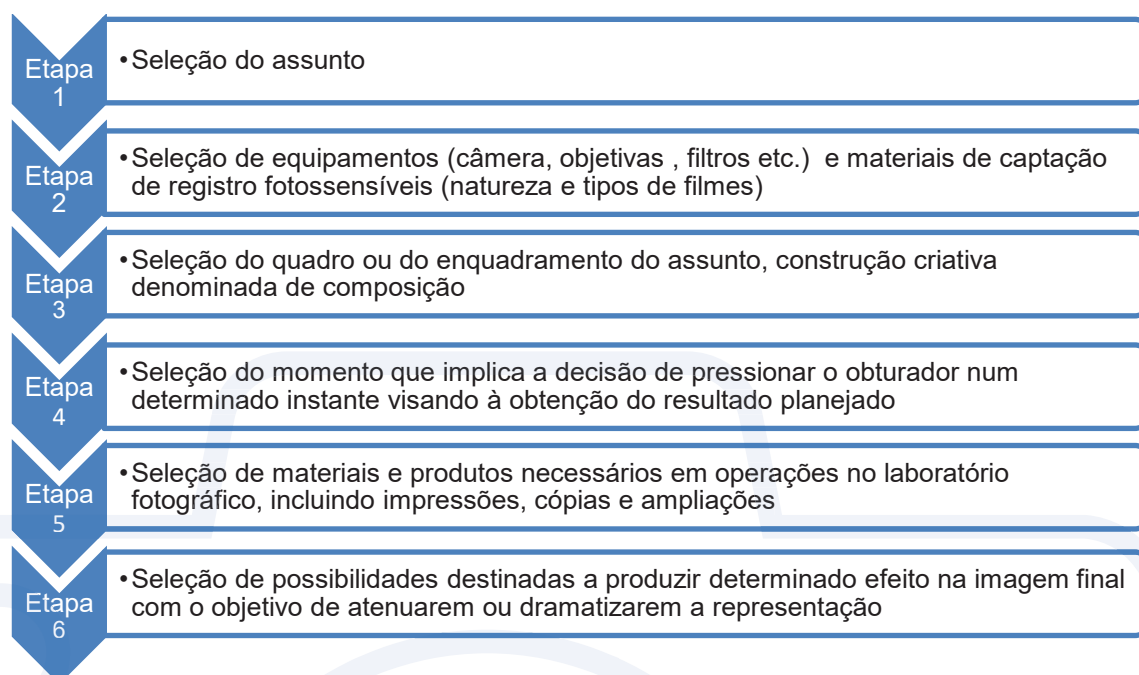
mostrado bastante eficaz para fixar a memória dos fatos. O potencial informativo das fotografias pode ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem localizados em um dado momento histórico, com seus desdobramentos compreendidos no tempo e no espaço do ato da tomada do registro (KOSSOY, 2016).

Em função do exposto, podemos afirmar que fotografia vincula-se a uma realidade primeira que a gerou em determinado lugar e tempo. Quando perdemos os dados sobre aquele passado ou quando inexistem informações acerca do referente que a originou, o que temos é uma imagem descontextualizada, sem identificação, sem identidade e, portanto, sem história (KOSSOY, 2016). Oportunamente, Sontag (2004) considera as imagens fotográficas como peças comprobatórias numa biografia ou numa história em andamento.

Fotos fornecem um testemunho. A fotografia é aceita e utilizada como prova definitiva, por registrar aspectos selecionados do real, tal como estes fatos acontecem, denotando a característica de credibilidade. Diferentemente da criação literária, a fotografia fornece “provas” concretas de uma realidade que se pretende revelar (KOSSOY, 2016).

De acordo como Kossoy (2016), as etapas habituais inerentes ao fazer fotográfico são:

FIGURA 1 - ETAPAS DO FAZER FOTOGRÁFICO



FONTE: Adaptado de Kossoy (2016, p. 29-30).

Percorrendo essas etapas, a transposição de realidades emerge. Kossoy (2016) refere-se à transposição de dimensões, ou seja, a transposição da realidade visual do assunto selecionado, no contexto da vida (primeira realidade), para a realidade da representação (imagem fotográfica: segunda realidade). Guran (1997) afirma que uma fotografia na sua dimensão documental não é o produto livre da imaginação de alguém, mas sim o resultado de uma “*pegada da realidade*” (p. 5, grifo do autor).

Outro aspecto importante a ser considerado é que a imagem fotográfica consiste num instrumento muito eficaz na divulgação de ideias, na formação de opinião pública e que se presta aos mais diferentes usos dirigidos. Telles (2006) argumenta acerca da relevância de objetos de arte (fotografia e teatro) na geração de dados na investigação qualitativa no campo da Educação, a pesquisa educacional com base nas artes (PEBA) no desenvolvimento profissional docente. O autor descreve dois estudos que realizou com professores franceses e professores iniciantes brasileiros nos quais utilizou, respectivamente, a fotografia e o espetáculo teatral como dispositivos deflagradores de reflexão compartilhada.

O autor constatou, com base nos dois estudos realizados, ações emancipadoras apresentadas pelos professores durante as reflexões compartilhadas, tais como a revisitação e organização de suas experiências, a

articulação de um discurso a ser compartilhado com outros colegas participantes, a tomada da palavra, em público, para a exposição de aspectos de suas formações e do exercício profissional.

Telles (2006) argumenta ainda que a PEBA, ao associar objeto de arte e reflexão compartilhada, convida seus participantes a articularem seus conhecimentos dentro de contextos reflexivos nos quais indivíduos diferentes compartilham histórias de vida e experiências pedagógicas. Desafiados pelos objetos de arte, os participantes da pesquisa são provocados a pensarem sobre suas experiências vividas nos contextos institucionais e nas relações sociais em que estão inseridos. No decorrer da leitura do estudo de Telles (2006), obtive vários *insights* de como poderia conduzir a proposta da exposição fotográfica sobre o trabalho do TAE na EPT.

Tirar uma foto é demonstrar interesse, é atribuir importância, é estar em cumplicidade com um tema interessante e digno de se fotografar (SONTAG, 2004). Tendo em vista meu repertório pessoal e profissional e meus filtros individuais e, apoiada nos recursos oferecidos pela tecnologia, produzi uma centena de imagens fotográficas acerca do contexto de trabalho do TAE na EPT, imagens que revelam o cotidiano profissional por onde esse profissional da educação circula no seu dia-a-dia. Essas imagens, que mostram ambientes institucionais internos e externos, foram tiradas no mês de agosto de 2018 em três câmpus do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), em sua Reitoria e no Centro de Referência em Formação e Educação à Distância (Cerfead).

As fotografias são portadoras de significados muitas vezes não explícitos que aguardam a percepção de um observador. Os receptores trazem suas próprias imagens preconcebidas sobre determinados assuntos e, por sua natureza polissêmica, as imagens fotográficas permitem uma leitura plural, dependendo de quem as aprecia. Decifrar a realidade interior das representações fotográficas, seus significados ocultos, suas tramas, realidades e ficções, as finalidades para as quais foram produzidas é a tarefa fundamental a ser empreendida (KOSSOY, 2016).

Para a realização dessa importante tarefa, convidei quinze técnicos-administrativos em educação do IFSC das mais diversas áreas de atuação para decifrarem e atribuírem significados a uma imagem fotográfica de livre escolha selecionada dentro do conjunto das cem fotografias. Desse *portfólio* de imagens

fotográficas, quinze imagens fotográficas selecionadas pelos meus convidados para a exposição ajudaram a recordar trechos das trajetórias profissionais dos TAE na EPT e serviram como ponto de partida da narrativa dos fatos e emoções contidas em suas histórias de vida.

Vale dizer ainda que as fotografias produzidas para a exposição fotográfica são resultado do meu próprio processo de criação e de construção pessoal enquanto fotógrafa e pesquisadora. As imagens fotográficas capturadas são antes de tudo uma representação a partir do real segundo o meu olhar e ideologia, uma representação resultante do meu próprio processo de criação e de construção.

A imagem fotográfica não é um simples registro químico ou eletrônico do objeto fotografado: qualquer que seja o objeto da documentação não se pode esquecer que a fotografia é sempre uma representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia (KOSSOY, 2016, p. 49-50).

Afinal, quando pesquisadores narrativos estão em campo, eles estão registrando a experiência de alguém e concomitantemente vivenciando uma experiência, qual seja: a experiência da pesquisa que envolve a experiência que eles desejam investigar (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Enfim, não sou uma *expert* em fotografia (ainda), sou apenas uma apaixonada por arte, fotografia, gente e suas histórias, que transformou o amor pela arte no produto educacional de minha dissertação de mestrado. O documento fotográfico consiste no resultado final de meu processo criativo.

3 Exposição: concepção, montagem e avaliação

3.1 EXPOSIÇÃO: ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO EXPOGRÁFICA E A EXPERIÊNCIA DO PÚBLICO

Exposições fazem parte de um sistema de comunicação com lógica e sentido próprios. Desempenham um importante papel na representação e comunicação de histórias, conhecimentos, novidades, modos de fazer e viver.

Uma exposição se materializa no encontro entre sujeito (visitante) e objeto (conjunto expositivo) ou, numa concepção mais atual, entre sociedade e seu patrimônio cultural. Haverá sempre um sujeito para quem essa exposição foi criada e que sem o qual ela não terá razão de existir (IBRAM, 2017).

Uma exposição se baseia na escolha e na apresentação de objetos que possam sustentar uma narrativa sobre um assunto determinado. As seleções e definições indicam as ideias e imagens desejadas e estabelecem, pelos sentidos, diálogos entre o produtor e o público (IBRAM, 2017). Nessa esteira, podemos afirmar que uma exposição consiste num espaço de negociação de sentido.

Nesse local de interação, a exposição configura-se como um espaço propício de construção de valores e tanto o emissor quanto o receptor se situam em relação a esses valores. A partir dessa compreensão, o público é compreendido como ator, como ativo, e não como mero consumidor passivo (CURY, 2005). Com base nesse destaque de Cury (2005), é perceptível que o espectador deve ser chamado para o diálogo, convidado a pensar.

Ou seja, ao invés de provocarem uma atitude passiva no visitante, as exposições devem ser concebidas para provocarem um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo) no visitante. Em decorrência disso, quando acontecem em museus, não é raro equipes interdisciplinares formadas por pesquisadores, educadores, *designers* e museólogos elaborarem conjuntamente estratégias expográficas de comunicação para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento (CURY, 2005).

Cury (2005) apresenta ainda importante contribuição ao relacionar a construção expográfica e a experiência do público, argumentando à luz de John Dewey, renomado filósofo da educação norte-americano. De acordo com a autora,

as exposições são concebidas com vistas à experiência do público. (...) Conceber e montar uma exposição sob o viés da experiência do público significa escolher um tema de relevância científica e social e organizá-lo material e visualmente no espaço físico com o objetivo de estabelecer uma relação dialética entre o conhecimento que o público já tem sobre o tema em pauta e o novo conhecimento que a exposição está propondo (CURY, 2005, p. 42-43).

Assim, conceber e montar uma exposição significa oferecer ao público uma experiência de qualidade atrelada ao princípio da continuidade de interação, ou seja, uma nova experiência conectada com suas experiências anteriores e que influencie positivamente suas experiências futuras (CURY, 2005). “Certamente o público deve ter consciência de que *aquela* exposição foi uma experiência única” (CURY, 2005, p. 45, grifo da autora).

Ademais, exposições devem contribuir para a produção, reprodução e difusão de conhecimentos, sendo espaços privilegiados para a divulgação de ideias, para revelar e tornar público posicionamentos. Grande parte delas acontece em museus, mas há a possibilidade de ocorrerem em diversos locais (IBRAM, 2017), como universidades, escolas, ruas, parques, *shopping centers* ou até mesmo virtualmente, sob inúmeros formatos, com variados recursos expográficos.

Conceber e montar uma exposição exige mais que vontade e disposição. É importante ter clareza do que se quer fazer, para quem se quer fazer e por que fazer.

A seguir, aprofundo questões fundamentais no que concerne às fases de construção de uma exposição norteadas pela abordagem técnica apresentada por Cury (2005) e relacionando-as com o meu próprio processo de criação. De acordo com a autora, nesta abordagem, o processo está dividido nos seguintes momentos (ou fases): 1) Fase de planejamento e de ideia; 2) fase de *design*; 3) fase de elaboração técnica; 4) fase de montagem; 5) fase de manutenção, atualização e avaliação.

3.2 FASE DE PLANEJAMENTO E DE IDEIA

É nesta fase que surge a proposta conceitual da exposição, definem-se as estratégias e métodos de trabalho, após a análise dos recursos disponíveis e de suas limitações. Esta fase tem como produto a proposta da exposição (CURY, 2005) e demanda muito estudo e tempo de dedicação.

Em um primeiro momento, fiz uso do referencial teórico da administração, principalmente do planejamento estratégico. A ferramenta que utilizei foi a matriz do tipo 5W2H. Recebe esse nome devido à primeira letra das palavras inglesas: what (o que), who (quem), when (quando), where (onde), why (por que), e das palavras iniciadas pela letra H, how (como), how much (quanto custa).

Trata-se de uma ferramenta utilizada na elaboração de planos de ação, pois contempla um conjunto de elementos que detalha o que será feito; quem irá fazer; quando deve ser feito; onde deve ser feito; por que fazer (justificativa); qual método será utilizado para pôr em execução o plano; e quanto custará (PALUDO, 2012).

O quadro 1 ilustra esse conjunto de elementos e aborda sinteticamente as respectivas ações, obtendo-se a matriz conhecida como 5W2H.

QUADRO1 - MATRIZ 5W2H

Inglês	Português	Ação
What	O que	Especificar o que será feito
Who	Quem	Especificar o responsável para executar ou coordenar a ação
Where	Onde	Especificar o local onde será executada a ação ou a sua abrangência
When	Quando	Especificar o prazo para executar a ação
Why	Por que	Explicar a razão pela qual a ação deve ser feita
How	Como	Especificar a forma pela qual a ação deverá ser feita
How much	Quanto custa	Prover informações sobre o custo (orçamento necessário para executar a ação)

FONTE: Adaptado de Paludo (2012).

Ou seja, é uma metodologia cuja base é composta pelas respostas a estas sete perguntas essenciais.

É importante ter respostas claras e objetivas para estas perguntas, de modo que o plano de ação se torne factível. Vale lembrar que decisões não fundamentadas podem inviabilizar uma proposta.

Com estas respostas em mãos, tinha um roteiro de atividades que norteou todos os passos relativos ao projeto da exposição, de forma a tornar sua execução mais clara e efetiva. Pode-se ver isso no quadro 2:

QUADRO 2 – 5W2H DA EXPOSIÇÃO

Inglês	Português	Ação
What	O que	Planejar, elaborar, montar e avaliar uma exposição fotográfica sobre o trabalho desenvolvido pelo técnico-administrativo em educação na EPT;
Who	Quem	Eu mesma sou a responsável por executar a exposição;
Where	Onde	No Câmpus Florianópolis-Continente do IFSC, câmpus anfitrião do Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação (SEPEI) no ano de 2018;
When	Quando	De 03/08/2018 a 17/09/2018 (aproximadamente 45 dias), no SEPEI, de 18 a 20 de setembro de 2018. O dia de início da exposição será no mesmo dia da abertura do SEPEI e ficará aberta para visitação pública até o dia 1º de outubro de 2018, conforme previamente acordado com a direção do Câmpus Florianópolis-Continente.
Why	Por que	a) para aprofundar a compreensão das experiências de vida e do processo de construção de identidades que ocorrem no trabalho e no processo formativo desses profissionais, originando um acervo para utilização em novas pesquisas sobre o tema; b) para identificar algumas concepções de trabalho que subjazem o eu-profissional dos técnicos-administrativos em educação, foco da pesquisa; c) para dar visibilidade ao trabalho do técnico-administrativo em educação que trabalha na educação profissional e tecnológica; d) para dar protagonismo ao trabalho dos técnicos-administrativos na educação profissional e tecnológica e contribuir para que as memórias captadas por meio da fotografia fiquem preservadas na história da Instituição de Ensino pesquisada. Todos esses objetivos elencados relacionam-se intrinsecamente com os objetivos do meu estudo e se constituem em informações importantes para todas as decisões, como por exemplo, as narrativas que acompanharão cada foto, os objetivos que serão expostos, a maneira como serão vistos e as ações educacionais desenvolvidas no decorrer da exposição.
How	Como	Resumidamente, programei as seguintes etapas: a) definir o espaço da exposição junto à comissão de organização do evento; b) levantar bibliografia atualizada sobre exposições; c) visitar exposições (de preferência fotográficas) que estejam acontecendo em minha cidade, visando obter novas ideias; d) elaborar a proposta conceitual da exposição; e) submeter o rascunho da proposta ao crivo dos meus orientadores; f) caso a proposta seja aprovada, desenvolver o conceito da exposição ou ajustá-la; g) solicitar outras autorizações que porventura sejam necessárias para fotografar dentro dos câmpus; h) definir e confeccionar a coleção que dará o suporte material à comunicação do tema escolhido; i) divulgar institucionalmente a exposição; j) efetuar a montagem da exposição no espaço definido; l) interagir com os visitantes durante os dias de realização do SEPEI; m) realizar a avaliação da exposição junto aos visitantes (pesquisa de recepção de público); n) desmontar a exposição.
How much	Quanto custa	Aproximadamente R\$500 reais provenientes de recursos próprios, valor este previsto no orçamento financeiro do projeto de pesquisa cadastrado na plataforma Brasil, uma base nacional e unificada de registro de pesquisas envolvendo seres humanos.

FONTE: Elaborado pela autora (2018).

Distribuí as etapas (com suas respectivas atividades) definidas com base em Cury (2005) em nove semanas, contadas a partir do exame de qualificação do meu projeto de pesquisa que ocorreu no dia 2 de agosto de 2018.

A compilação desses dados traduziu-se no seguinte cronograma operacional que utilizei para o acompanhamento da execução, como pode ser visto no quadro 3:

QUADRO 3 – CRONOGRAMA OPERACIONAL

Etapas/semanas 2018	3 a 12/08	13 a 19/08	20 a 26/08	27/08 a 02/09	03 a 09/09	10 a 16/09	17 a 23/09	24 a 30/09	1 a 6/10
Fase de planejamento	X	X	X	X	X				
Fase de design				X	X				
Fase de elaboração técnica					X	X			
Fase de montagem						X	X		
Fase de manutenção							X	X	
Fase de atualização							X	X	
Fase de avaliação								X	X

FONTE: Elaborado pela autora (2018).

A seguir, descrevo com maior nível de detalhamento os procedimentos mencionados na etapa **how (como)**.

3.2.1 Definir o local da exposição

Participei de duas reuniões na Diretoria de Comunicação (Dircom) do IFSC nos dias 10 e 17 de agosto em que estavam presentes membros da comissão central de organização do SEPEI. Na primeira reunião, de posse da autorização da instituição pesquisada assinada pelo Pró-Reitor de pesquisa, pós-graduação e inovação do IFSC, apresentei, em linhas gerais, o tema, os objetivos da minha pesquisa e a ideia inicial da exposição fotográfica.

Lugar definido, desloquei-me até lá e tirei todas as medidas para que as instalações futuras se encaixem perfeitamente no espaço disponível. Elaborei um croqui do espaço físico contendo as medidas e áreas aproximadas, pontos de iluminação, tomadas, móveis disponíveis e acessos.

FOTOGRAFIA 1 - ESPAÇO DESTINADO À EXPOSIÇÃO



FONTE: A autora (2018).

Vale dizer que desde o início considerei o local privilegiado para a realização de uma exposição. Nesse espaço, localizado defronte para o auditório onde estavam previstas várias palestras, também seriam servidos os *coffee breaks*. Ou seja, um local bastante propício para circulação de pessoas e interação social.

Oportunamente, contatei o chefe do departamento administração do Câmpus para verificar as condições de uso do espaço: o que poderia ou não ser retirado, pendurado, pregado.

3.2.2 Levantar bibliografia sobre exposição

Paralelamente, busquei na literatura orientações e recursos teóricos e metodológicos que pudessem me auxiliar na construção de uma exposição fotográfica. A seguir, apresento os materiais levantados que serviram como fontes de consulta e que nortearam todo o meu processo de concepção, montagem e avaliação da exposição:

CURY, Marília Xavier. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume: 2005.

CHIODETTO, Éder. **Curadoria em fotografia:** da pesquisa à exposição. [livro eletrônico]. São Paulo: Prata design, 2013. Disponível em: http://ederchiodetto.com.br/livro/livro_eder_AF2_digital.pdf. Acesso em: 5 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Caminhos da memória:** para fazer uma exposição. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Caminhos-da-Mem%C3%B3ria-Para-fazer-uma-exposi%C3%A7%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.

3.2.3 Visitar exposições que estejam em cartaz na cidade

Toda exposição precisa ter uma intencionalidade que norteia as escolhas durante todo o processo de construção da exposição. Para chegar ao conceito da minha exposição, visitei diversas exposições na cidade, analisando conteúdo e forma. Considero fundamental que você visite exposições que estejam acontecendo na sua cidade, no seu bairro, nas universidades circunvizinhas visando obter novas ideias para o seu trabalho. A dica é circule muito, vá para rua, vá ao museu, à galeria de arte, à biblioteca... caminhe por espaços formais e não formais de ensino.

O meu produto educacional é resultado, além de outros aspectos, de muita pesquisa em espaços de arte, a exemplo dos que menciono a seguir:

Em 22.08.2018 - Visitei a exposição "Retratos de Fotografia 2", de Edson Murilo Prazeres em um *shopping center* na cidade de São José, SC.

FOTOGRAFIA 2 - CARTAZ DA EXPOSIÇÃO

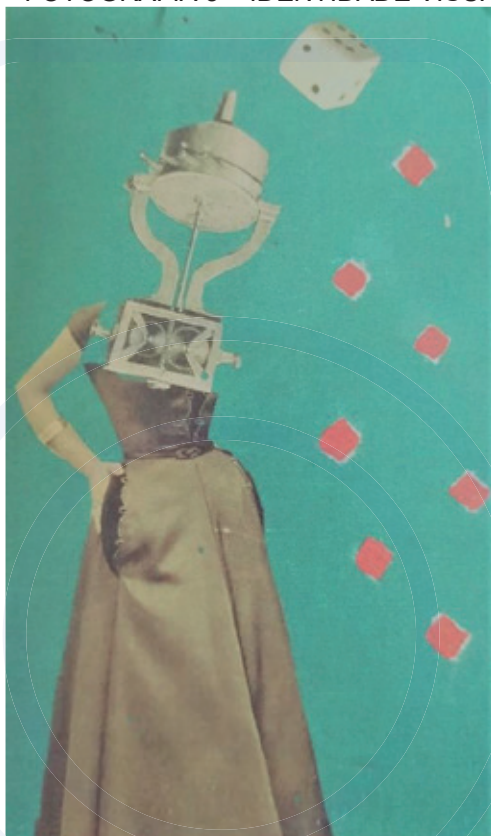


FONTE: Exposição Retratos da Fotografia 2 (2018).

Com essa visita, surgiu a ideia da elaboração da identidade visual, do convite da exposição e da criação da frase síntese da exposição.

Em 29.08.2018 - Visitei a exposição "Universo das Coisas Incontáveis" de Pati Peccin, no Museu Histórico de Santa Catarina.

FOTOGRAFIA 3 – IDENTIDADE VISUAL



FONTE: Exposição Universo das Coisas Incontáveis (2018).

Com essa visita, tive a ideia de providenciar, além do caderno de registro de visitantes, a urna da exposição para estimular os visitantes a avaliarem a exposição por meio do formulário de sugestões/comentários da exposição, conforme o registro fotográfico 4:

FOTOGRAFIA 4 - URNA DA EXPOSIÇÃO



FONTE: Exposição Universo das Coisas Incontáveis (2018).

Em 08.09.2018 - Visitei a exposição "Imagens e Textos" na rua Trajano, no centro da cidade de Florianópolis.

FOTOGRAFIA 5 – VISITA À EXPOSIÇÃO NA RUA



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

Com essa visita, obtive o contato da empresa que faria a impressão das fotografias por meio de um funcionário que me forneceu dicas técnicas de como utilizar a placa *foam board*, também chamada de *papel pluma*.

Em 08.09.2018 - Visitei a exposição "Zininho, 20 anos de Saudade" na Galeria de Arte em pleno Mercado Público Municipal de Florianópolis.

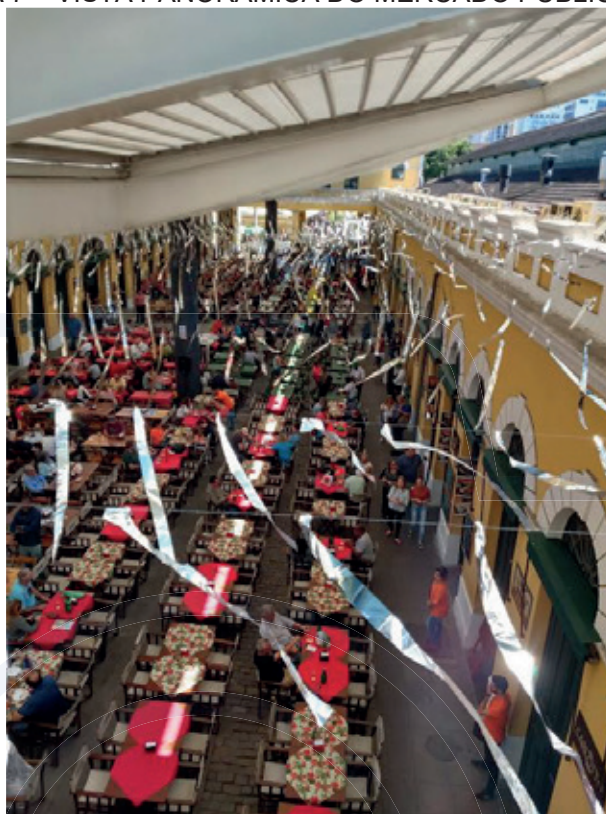
FOTOGRAFIA 6 – CARTAZ DA EXPOSIÇÃO



FONTE: Exposição Poeta Zininho 20 anos de saudade (2018).

No cenário do Mercado Público, captei a ideia do varal laminado que também utilizei no ambiente do IFSC.

FOTOGRAFIA 7 – VISTA PANORÂMICA DO MERCADO PÚBLICO



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

Além das visitas, procurei participar de eventos que tivessem relação com o meu tema de interesse, como a palestra *Carreira dos servidores técnico-administrativos em educação: reflexões e perspectivas* realizada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

FOTOGRAFIA 8 – PALESTRA SOBRE CARREIRA DOS TAE



FONTE: <https://bit.ly/2VCSrkp>

Enfim, aproveitei ao máximo todos esses momentos para treinar meu olhar, viver novas experiências, documentar cuidadosamente em um caderno de campo todos os aspectos que chamaram minha atenção e que considerei relevantes nas visitas que fiz.

Indubitavelmente, todos esses eventos facilitaram a deflagração de novas ideias e a consolidação da proposta conceitual da minha exposição, que apresento a seguir.

3.2.4 Elaborar a proposta conceitual da exposição

Qual será a ideia, a proposta que será desenvolvida na exposição? O que se pretende mostrar? Qual o público-alvo da exposição? São diversas perguntas e há que se ressaltar que, em uma exposição, é necessário fazer muitas escolhas, afinal não é possível mostrar tudo num único evento.

O público-alvo é parte de um universo de pessoas que se deseja que visite a exposição. Como a exposição aconteceu primordialmente durante o SEPEI no Câmpus Florianópolis-Continente do IFSC, o público-alvo foi constituído por docentes, alunos, servidores técnico-administrativos e funcionários terceirizados.

Ademais, é importante que o título da exposição apresente, da melhor forma possível, o seu conteúdo. É desejável que este seja de fácil entendimento e que possua características que contribuam para uma rápida memorização (IBRAM, 2017).

Referindo-me à proposta propriamente dita, o acervo da exposição “O trabalho dos TAE em Imagens e Textos” contou com cerca de quinze imagens coloridas em tamanho aproximado de (30×30) cm, cada qual acompanhada de um pequeno texto, uma leitura-depoimento de TAE de várias áreas de atuação enfim, profissionais que constroem cotidianamente a história do IFSC.

Foram convidados 15 (quinze) TAE para selecionarem, de livre escolha, uma imagem fotográfica para a exposição que melhor representasse seu trabalho no IFSC, dentro de um *portfólio* de 100 (cem) fotos produzidas por mim. Sem dúvida um número expressivo de fotos, uma vez que pretendia aproveitar algumas dessas fotos em outro momento da minha pesquisa, na primeira fase da entrevista narrativa (emprego de auxílios visuais). Ou seja, para esta exposição, cada foto foi apreciada

por um TAE convidado a externar sua relação com a imagem, e essa impressão foi registrada nos textos que acompanharam as fotos.

Além da Reitoria do IFSC, havia imagens de outros câmpus, mas sem serem identificadas; pois entendo que essas fotos ganharam um caráter universal, uma vez que o trabalho do TAE pode ser encontrado em qualquer lugar na EPT. As fotos não possuíam título. Isso foi pensado propositalmente, dando a liberdade para que cada espectador elaborasse a sua legenda, o seu texto para cada foto, conforme as percepções de cada um.

Cury (2005) orienta a definição de oito palavras que sintetizem a proposta e que deverão estar presentes na forma e na organização espacial da exposição: Técnico-administrativo em educação, trabalho, profissão, relevância social, ambientes institucionais, identidade profissional, Instituto Federal de Santa Catarina, Educação Profissional e Tecnológica.

E a criação de uma frase síntese da exposição: Trabalho e profissão (ainda) são senhas de identidade. Sendo assim, aquilo que o sujeito faz no mundo o identifica: "... é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pecar, pecador, ao desobedecer, desobediente, ao trabalhar, trabalhador" (CIAMPA, 1985, p. 64).

Imediatamente após a aprovação da proposta pelos meus orientadores, comecei a convidar pessoalmente quinze colegas TAE de meu círculo mais próximo de convivência profissional para participarem da exposição embasada em Oliveira (2009). Para a autora,

Conviver é mais do que visitar e, não sendo algo que possa ser delegado, requer um envolvimento pessoal de observação, questionamento e diálogo. Somente olho no olho com o outro e, com ele convivendo, é que se pode detectar e compreender posições políticas e informações que nos são fornecidas sobre dada realidade (OLIVEIRA, 2009, p.315).

A amostra foi intencional (amostragem de conveniência) em virtude do acesso imediato e direto a esses colegas, os quais foram selecionados com base nos seguintes critérios preestabelecidos:

- a) Trabalharemos em diferentes áreas de atuação, como a pesquisa, o ensino, a extensão e também em setores administrativos do IFSC;
- b) De ambos os sexos;
- c) Pertencerem a faixas etárias variadas;
- d) Exercerem cargos variados no IFSC;

- e) Contemplar tanto servidores não estáveis quanto já estáveis¹ no serviço público federal;
- f) Pelo menos 20% dos TAE convidados possuir função gratificada ou cargo de direção (FG ou CD).

A seguir, no quadro 4, todas essas informações consolidadas podem ser melhor visualizadas:

QUADRO 4 - PERFIL DOS TAE CONVIDADOS

Convidado (a)	Sexo	Idade	Cargo	FG ou CD	Setor	Tempo de IFSC
Convidada 1	F	51	Assistente em administração	Não	Coordenadoria de Licitações da Reitoria	6 anos
Convidado 2	M	38	Técnico em contabilidade	Não	Departamento de orçamento e finanças da Reitoria	3 anos
Convidada 3	F	35	Assistente em administração	Sim	Departamento de contratos da Reitoria	4 anos
Convidada 4	F	35	Assistente em administração	Não	Coordenadoria de apoio acadêmico do Câmpus Florianópolis	4 anos
Convidado 5	M	38	Técnico de laboratório área	Não	Coordenadoria de área de cultura geral do Câmpus São José	7 anos
Convidada 6	F	44	Bibliotecária-documentalista	Não	Biblioteca do Câmpus Florianópolis Continente	10 anos
Convidado 7	M	35	Analista de TI	Não	Departamento de sistemas de informação da Reitoria	2 anos
Convidada 8	F	41	Jornalista	Não	Departamento de marketing e jornalismo da Reitoria	5 anos
Convidado 9	M	37	Pedagogo-área	Não	Coordenadoria pedagógica do Câmpus Florianópolis	7 anos
Convidada 10	F	35	Assistente em	Não	Coordenadoria	4 anos

¹ Conforme o artigo 41º. da Constituição Federal de 1988, são estáveis após três anos de efetivo exercício os servidores nomeados para cargo de provimento efetivo em virtude de concurso público (BRASIL, 1988).

Convidado (a)	Sexo	Idade	Cargo	FG ou CD	Sector	Tempo de IFSC
			administração		de registro de preços da Reitoria	
Convidado 11	M	37	Técnico em assuntos educacionais	Não	Coordenadoria de extensão do Câmpus Florianópolis	8 anos
Convidada 12	F	36	Auditora	Sim	Auditoria Interna	4 anos
Convidado 13	M	42	Analista de TI	Sim	Diretoria de gestão do conhecimento	8 anos
Convidada 14	F	33	Técnica em secretariado	Não	Procuradoria Federal	5 meses
Convidada 15	F	45	Assistente em administração	Não	Coordenadoria de Compras do Câmpus Florianópolis-Continente	1 ano

FONTE: Elaborado pela autora (2019).

Concomitantemente, estabeleci contato com os diretores dos Câmpus Florianópolis, Florianópolis-Continente e São José com o objetivo de agendar um horário para fotografar nesses locais. Em uma semana, tirei todas as fotos que pretendia e criei um álbum digital de fotos no *google fotos* (serviço de compartilhamento e armazenamento de fotos desenvolvido pelo Google) denominado “O trabalho dos TAE em imagens e textos”.

Conforme os convidados iam se manifestando favoráveis à participação, eu encaminhava por meio de correio eletrônico a proposta exposta no quadro 5:

QUADRO 5 – PROPOSTA ENCAMINHADA AOS CONVIDADOS

A PROPOSTA: CONSTRUINDO A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS TAE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT): VISIBILIDADE E PROTAGONISMO

A exposição “O trabalho dos TAEs em Imagens e Textos” da mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede (ProfEPT) Eveline Wolniewicz integrará a programação do SEPEI 2018 e seguirá aberta à visitação do público no Hall do Câmpus Florianópolis-Continente do IFSC.

A exposição apresentará 15 imagens, na sua grande maioria coloridas, em tamanho aproximado de (30×30) cm, cada uma contendo um texto, uma leitura-depoimento de técnicos-administrativos em educação (TAE) em várias áreas de atuação. Enfim, profissionais que fazem parte da história do IFSC e escreveram suas impressões sobre as imagens institucionais de diversos ambientes fotografadas pela mestranda. As imagens revelam aspectos do trabalho dos TAE no IFSC. Além da Reitoria, há também imagens de outros Câmpus, mas sem serem identificadas, pois para ela essas fotos ganham um caráter universal, uma vez que o trabalho do TAE pode ser encontrado em qualquer lugar. As imagens não possuem título. Segundo a mestranda isso é proposital, possibilitando que cada espectador elabore seu título e o seu texto para cada foto conforme as percepções de cada um. Para esta exposição, cada foto será apreciada por um TAE convidado, que narrará a sua relação com a imagem, e essa impressão será registrada nos textos que acompanharão as fotos.

PARA SELECIONAR A FOTOGRAFIA E ESCREVER SUA NARRATIVA PENSE NO SEGUINTE:

EU PERCEBO QUE MEU TRABALHO ESTÁ REPRESENTADO NESTA FOTOGRAFIA UMA VEZ QUE...

PASSO 1 – Acesse o convite para acessar o álbum “O trabalho dos TAE em Imagens e Textos” no link do *google* fotos encaminhado no seu e-mail. Para selecionar a foto, basta clicar em cima dela e na borda central inferior da imagem consta: **Diga alguma coisa** – Informe seu nome e clique em enviar.

PASSO 2 – Elabore um título/legenda para a foto escolhida por você com no máximo duas palavras. Exemplo: “Aquisições Públicas”.

PASSO 3 - Complete a frase: **EU PERCEBO QUE MEU TRABALHO ESTÁ REPRESENTADO NESTA FOTOGRAFIA UMA VEZ QUE** em no máximo 5 linhas, tamanho Arial 12. Encaminhe a legenda, seu depoimento, acompanhado de seu nome e setor de lotação para o e-mail: evelinebbw@gmail.com até **04/09** – terça-feira, impreterivelmente.

Muito obrigada por sua disponibilidade em participar!

FONTE: Elaborado pela autora (2018).

Enquanto aguardava o retorno do correio eletrônico encaminhado aos convidados, iniciei o processo de criação da identidade visual da exposição e pensei na definição do circuito da experiência (apreciação) do público.

3.3 FASE DE *DESIGN*

O desenho ou *design* da exposição é um elemento fundamental de atratividade e influencia sobremaneira a experiência do público. O cruzamento entre a concepção espacial e a concepção da forma estabelece as bases para o *design* da exposição, ou seja, a composição visual da exposição em um determinado espaço físico (CURY, 2005).

Para “pensar visualmente” a exposição, fiz uso de folhas grandes de papel para anotações, canetas para desenhar e blocos de pequenos papéis coloridos e adesivados. Também troquei algumas ideias com colegas com formação em *design* e com fotógrafos profissionais.

E qual o circuito escolhido para a transmissão das informações contida no acervo? A maneira como o visitante caminha no espaço expositivo é pré-definida, mesmo quando o circuito é o de livre escolha e corresponde a uma forma de apropriação do conhecimento (CURY, 2005). Optei pela organização espacial linear sequencial com começo, meio e fim pensando na melhor movimentação do público naquele espaço físico durante o SEPEI e frente à infraestrutura disponível como pontos de iluminação, paredes, janelas, acessos, circulação e placas de saída.

Como referência, baseei-me na composição visual e no circuito linear de apreciação pelo público, de acordo com a imagem 9:

FOTOGRAFIA 9 – REFERÊNCIA DE COMPOSIÇÃO VISUAL



FONTE: <https://bit.ly/2GjKtro>

3.4 FASE DE ELABORAÇÃO TÉCNICA

Cury (2005) prevê como produtos desta fase a elaboração de especificações técnicas do mobiliário, o guia de montagem e sua instalação no espaço expositivo, os quais, devido às características e contexto da exposição fotográfica proposta (realizada num espaço formal de ensino e fora da rotina de um museu), não foram executados.

Assim sendo, a esta altura do processo, elaborei o esboço da identidade visual e do convite da exposição com base em IBRAM (2017) e um profissional do *design* confeccionou a arte gráfica.

Feitas as definições principais e conhecida a narrativa da exposição, já é possível escolher algum elemento visual que será apresentado como a “cara” da exposição. Pode ser um objeto, um ambiente, uma cor ou um conjunto de coisas que possam ser identificadas facilmente com o que a exposição pretende ser ou mostrar (IBRAM, 2017, p. 25).

E por qual motivo escolhi a fotografia de uma sala de aula do Câmpus São José para compor a identidade visual da exposição?

FOTOGRAFIA 10 – SALA DE AULA DO CÂMPUS SÃO JOSÉ



FONTE: A autora (2018).

A ideia que eu pretendia desenvolver ao elaborar a identidade visual da exposição é que uma escola não se faz apenas com alunos e professores dentro de uma sala de aula. “A realidade, entretanto, é que *sempre* estiveram presentes nas escolas outros trabalhadores” (MONLEVADE, 2009, p. 341, grifo do autor) como os servidores técnico-administrativos, “que não necessariamente fazem uso de conteúdos pedagógicos, mas promovem intervenções, de acordo com suas áreas de formação, cargos e funções que ocupam, e que, em alguma medida, educam” (MAGALHÃES, 2016, p. 75).

Nessa mesma direção, encontrei também em Codo (2002) embasamento teórico para a consolidação da identidade visual da minha exposição. O autor considera que, “em uma escola a compartimentalização de atividades se torna impossível e deletéria, o que se constata ali é que todos os funcionários, quer sejam meio ou fim, têm a tarefa de educar” (...) (CODO, 2002, p. 304) e traz à reflexão o exemplo da secretária que efetua as matrículas dos alunos e afirma que ela faz parte da missão da instituição e passa a ser ela mesma uma educadora.

FOTOGRAFIA 11 – IDENTIDADE VISUAL DA EXPOSIÇÃO



FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

A identidade visual auxilia na divulgação prévia do evento, acompanhando e ilustrando o texto de divulgação, onde se informa o local, a data, os horários... Ao elaborar a identidade visual e o convite da exposição, priorizei o uso da cartela de cores institucionais do IFSC, conforme consulta prévia ao manual da marca IFSC (IFSC, 2017).

FOTOGRAFIA 12 – CONVITE DA EXPOSIÇÃO



FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

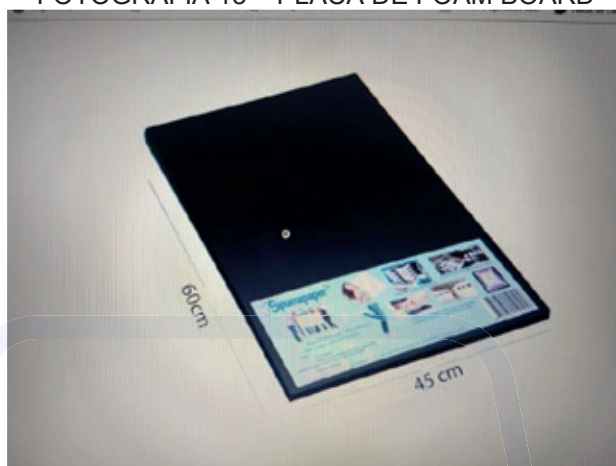
3.5 FASE DE MONTAGEM

De acordo com Cury (2005), essa fase consiste na produção dos diversos recursos expográficos e montagem no espaço físico, resultando como produto a própria exposição.

Destaco que é imprescindível um estudo de cor, materialidade e disposição das obras, de modo a não criar um elemento em desarmonia ou excesso de informações. Assim, retomei o croqui contendo as medidas do espaço destinado à exposição e avaliei qual seria a medida adequada das pranchas de *foam board* e da ampliação das fotos. Fui novamente até o local da exposição, fiz simulações com placas de *foam board* de cor branca e preta, com o tamanho das legendas, estilos de letras e sua legibilidade e com fitas adesivas de diferentes marcas, visando identificar aquelas que não danificassem a tinta da parede.

Após uma avaliação cuidadosa, adquiri placas já cortadas de *foam board* no tamanho 60cmx45cm, fita adesiva dupla face de espuma para ambientes internos e encaminhei as 15 (quinze) imagens selecionadas pelos TAE convidados para impressão no tamanho 23x29 cm em um laboratório fotográfico. As imagens 13 e 14 ilustram essas informações:

FOTOGRAFIA 13 – PLACA DE FOAM BOARD



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 14 – PLACA COM FITA ADESIVA



FONTE: A autora (2018).

Em se tratando das regras básicas de legibilidade, mesmo para textos que possam ser lidos de perto, orienta-se a utilização de letra no mínimo com corpo 14, as letras não devem ser muito condensadas ou expandidas (muito finas ou muito grossas), letras maiúsculas devem ser utilizadas apenas em títulos ou em uma ou outra palavra como destaque, tanto os caracteres quanto o fundo não devem ter acabamento brilhante que reflita a iluminação do ambiente e se deve evitar linhas

muito longas (IBRAM, 2017). Convém ressaltar ainda, a necessidade das notas e legendas estarem devidamente posicionadas, de modo a não competirem visualmente com a imagem fotográfica.

Levando em consideração a iminência de realização do SEPEI, a mesma empresa que fez a impressão das fotografias adesivou as fotografias e as legendas nas placas de *foam*.

FOTOGRAFIA 15 – IMPRESSÃO DAS FOTOGRAFIAS



FONTE: A autora (2018).

FOTOGRAFIA 16 – FOTOGRAFIA DO ACERVO

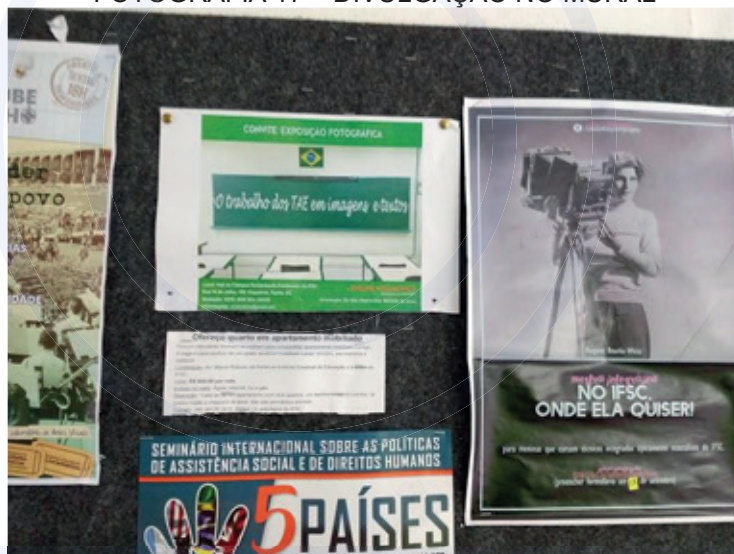


FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

3.5.1 Divulgar institucionalmente

Enquanto as fotografias estavam sendo impressas, iniciei o trabalho de divulgação da exposição no IFSC. Parte importante de todo o processo de planejamento e execução de um evento é informar ao público a que ele se destina sobre a sua realização. Os canais utilizados foram: murais institucionais, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas, mensagens de correio eletrônico e também pessoalmente. Em tempo hábil, tanto eu quanto meu orientador encaminhamos por meio de correio eletrônico o pleito solicitando que a comissão de organização do SEPEI divulgasse a exposição no site do evento no campo 'programação', porém infelizmente não obtivemos retorno. A imagem fotográfica 17 mostra um dos meios de divulgação da exposição, o mural do Câmpus Florianópolis do IFSC.

FOTOGRAFIA 17 – DIVULGAÇÃO NO MURAL

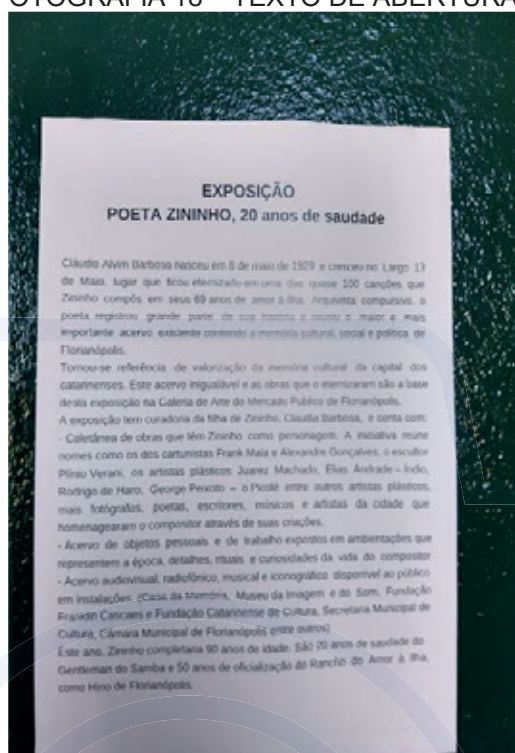


FONTE: A autora (2018).

3.5.2 Produzir o texto de abertura e a ficha técnica

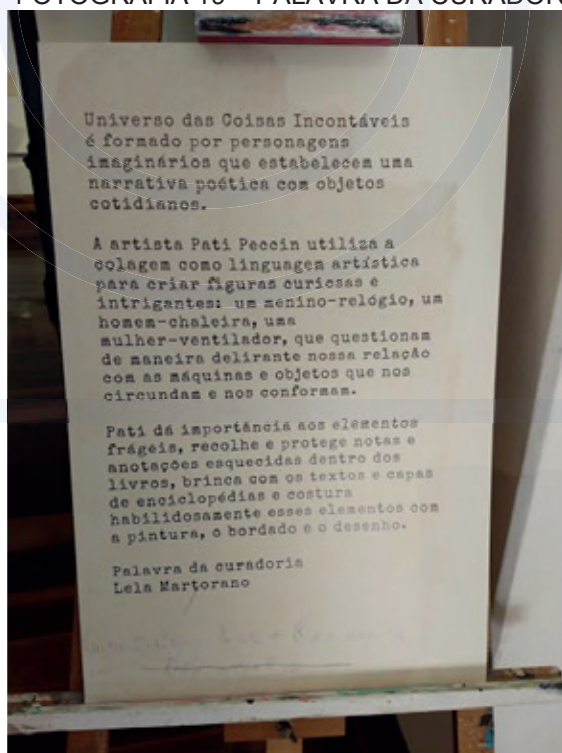
Tradicionalmente, faz parte das exposições um texto que as apresente e que introduz o visitante ao tema desenvolvido. Geralmente esse texto de abertura é escrito pelo curador (IBRAM, 2017). As imagens 18 e 19 ilustram textos de abertura escritos pelos curadores das respectivas exposições:

FOTOGRAFIA 18 – TEXTO DE ABERTURA



FONTE: Exposição Poeta Zininho 20 anos de saudade (2018).

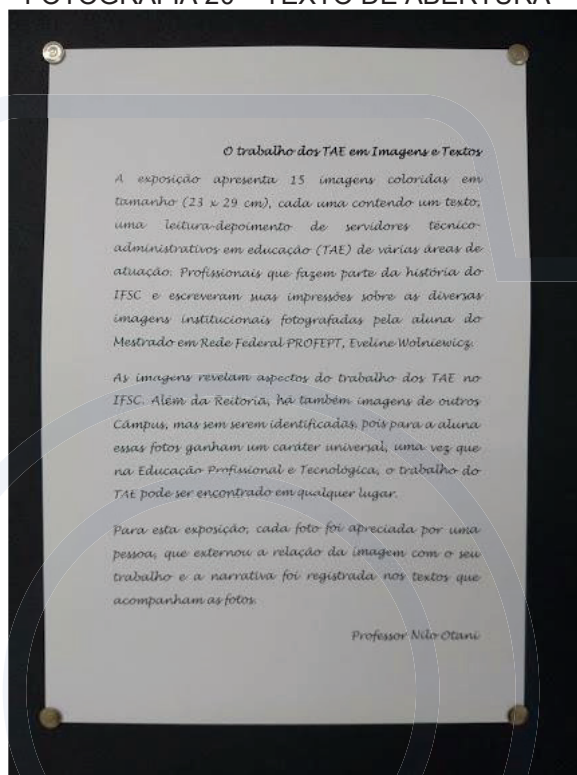
FOTOGRAFIA 19 – PALAVRA DA CURADORIA



FONTE: Exposição Universo das Coisas Incontáveis (2018).

Na esteira dessas exposições, também elaborei o texto de abertura da minha exposição, sob a supervisão do meu orientador Professor Nilo Otani, conforme apresentado na imagem 20:

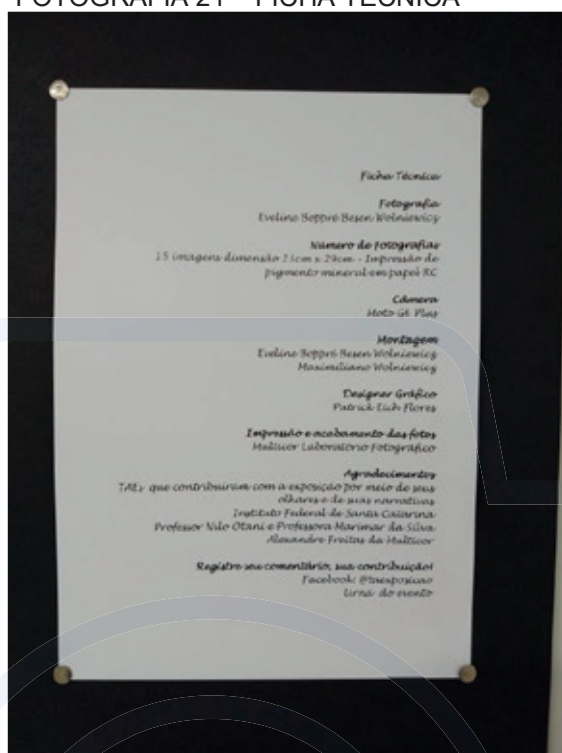
FOTOGRAFIA 20 – TEXTO DE ABERTURA



FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

Além do texto de abertura, ao final, costuma-se divulgar a ficha técnica contendo a relação das pessoas que produziram e colaboraram com a exposição. Na imagem 21, pode-se visualizar a ficha técnica da exposição:

FOTOGRAFIA 21 – FICHA TÉCNICA

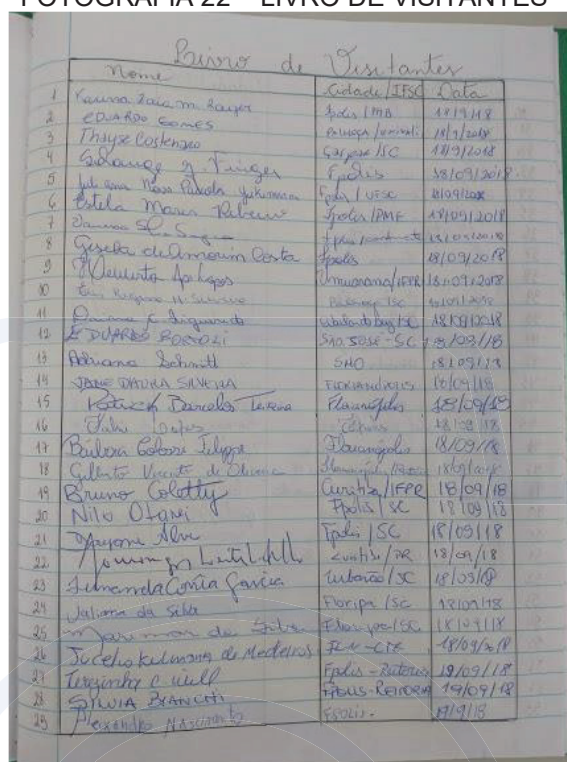


FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

3.5.3 Registrar presença no livro de visitantes

O livro de visitantes ou livro de registro também compõe a exposição. Trata-se de um livro similar a um livro de atas, no qual o público registra as informações básicas como nome, cidade de origem, instituição a que pertence etc. Assinaram o livro de registro da exposição “O trabalho dos TAE em imagens e textos” 85 (oitenta e cinco) visitantes. A imagem 22 mostra a primeira folha do livro de visitantes:

FOTOGRAFIA 22 – LIVRO DE VISITANTES



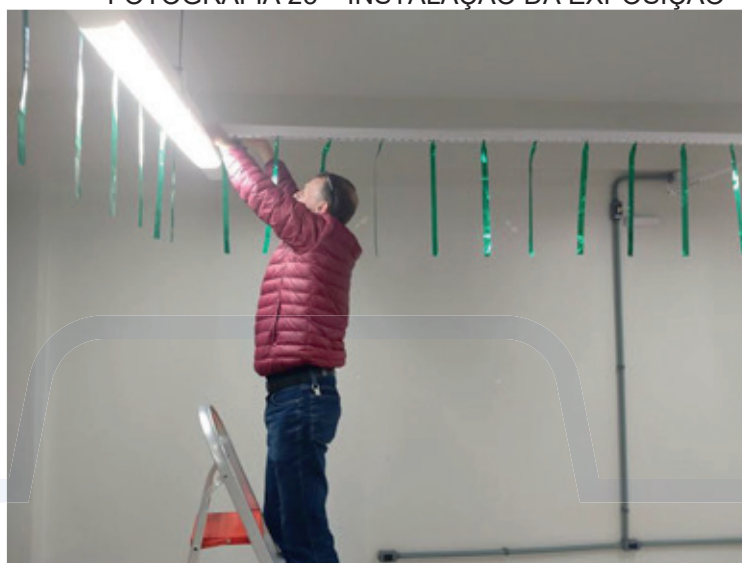
	Nome	Cidade/UF	Data
1	Vanessa Zaine de Saipa	Apiaí/MS	17/09/18
2	EDUARDO GOMES	Apiaí/MS	18/09/2018
3	Thayze Costenaco	Capitão/SC	18/09/2018
4	Silviana M. F. Figueira	Epitaciolândia	18/09/2018
5	Juliana Maria Paula Spikerman	Epitaciolândia	18/09/2018
6	Estela Maria Ribeiro	Epitaciolândia	18/09/2018
7	Danilo S. Siqueira	Epitaciolândia	18/09/2018
8	Georgette de Almeida Costa	Epitaciolândia	18/09/2018
9	Deividson Apolônio	Epitaciolândia	18/09/2018
10	Carla Regina de Sales	Epitaciolândia	18/09/2018
11	Quirino F. Siqueira	Epitaciolândia	18/09/2018
12	EDUARDO ROCHA	Epitaciolândia	18/09/2018
13	Adriana Schmitt	Epitaciolândia	18/09/2018
14	JOÃO CARLOS S. N. SILVA	Epitaciolândia	18/09/2018
15	Roberto Daniel de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
16	Roberto de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
17	Bárbara Gomes Figueira	Epitaciolândia	18/09/2018
18	Gilberto Vicente de Oliveira	Epitaciolândia	18/09/2018
19	Bruno Colletty	Epitaciolândia	18/09/2018
20	Nilo Olari	Epitaciolândia	18/09/2018
21	Marcelo Alves	Epitaciolândia	18/09/2018
22	João Carlos L. de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
23	Leandro de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
24	Valéria da Silva	Epitaciolândia	18/09/2018
25	Marcelo de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
26	Lucas de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
27	Lucas de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018
28	Silvia Brancati	Epitaciolândia	18/09/2018
29	Alexandre de Lencastre	Epitaciolândia	18/09/2018

FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

3.5.4 Instalar a exposição

Na instalação da exposição, contei com o auxílio uma pessoa de meu círculo familiar, o que agilizou a execução. Efetuamos a instalação na noite anterior da abertura do SEPEI, ou seja, no dia 17 de setembro de 2018. A imagem 23 mostra o momento em que ele fixa as tiras laminadas para chamar atenção do público.

FOTOGRAFIA 23 – INSTALAÇÃO DA EXPOSIÇÃO



FONTE: A autora (2018).

Uma ferramenta de autoria e produção audiovisual (Issuu) foi utilizada para disponibilizar virtualmente, na íntegra, a exposição fotográfica. “As ferramentas de autoria são programas/software *online* ou *off-line* chamados “amigáveis”, ou seja, que facilitam e agilizam a criação de recursos digitais” (LINDNER; BLEICHER, 2018, não paginado). A exposição fotográfica está disponível para consultas públicas no seguinte link: https://issuu.com/home/published/issu_eveline

É importante destacar que as peças devem ser corretamente afixadas, na altura média do olhar do expectador. A imagem 24 exemplifica essa orientação:

FOTOGRAFIA 24 – EXPOSIÇÃO MONTADA



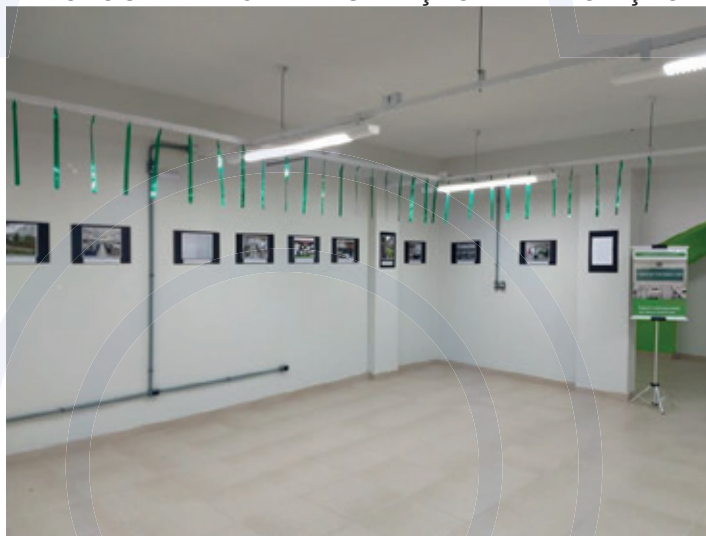
FONTE: A autora (2018).

3.6 FASE DE MANUTENÇÃO, ATUALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO

3.6.1. Manutenção

A manutenção permanente mantém a exposição sempre apresentável (CURY, 2005). Durante todos os dias que a exposição permaneceu aberta ao público, estive no local zelando por sua conservação, organização e limpeza.

FOTOGRAFIA 25 – MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO



FONTE: A autora (2018).

Vale ressaltar que realizei um trabalho de mediação nos dias do SEPEI. Apesar de ser opcional, a mediação, compreendida como momentos de interação, de diálogo e de troca de experiências com os visitantes, é essencial. Ainda mais acontecendo dentro de uma Instituição de ensino em uma semana de mostra científica. Meu principal objetivo com essa ação educativa foi estimulá-los para perceberem, compreenderem e interpretar a obra, de modo a alavancar a elaboração de seus próprios significados.

A partir dos comentários dos visitantes inseridos na urna, procurei interagir com cada um deles agradecendo a visita, o *feedback* dado ou prestando esclarecimentos quando necessários. Na sequência, apresento imagens relativas à minha interação com os visitantes.

FOTOGRAFIA 26 – COLEGA DE TRABALHO E EU



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

FOTOGRAFIA 27 – MEU CHEFE E EU



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

FOTOGRAFIA 28 – REITORA DO IFSC E EU



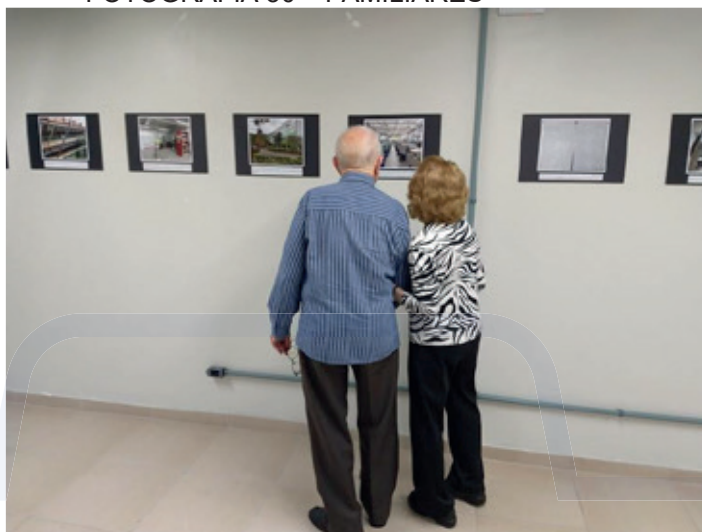
FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

FOTOGRAFIA 29 – COLEGA DO MESTRADO E EU



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

FOTOGRAFIA 30 – FAMILIARES



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

O professor Domingos Leite Lima Filho da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) esteve no IFSC proferindo uma palestra no ProfEPT e também foi convidado a visitar a exposição. Tendo aceitado o convite, a fotografia 31 ilustra esse momento especial.

FOTOGRAFIA 31 – PALESTRANTE DA UTFPR E PROFESSOR DO ProfEPT



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

FOTOGRAFIA 32 – PROFESSORA DO ProfEPT E EU



FONTE: Arquivo pessoal da autora (2018).

Enfim, a mediação pressupõe a construção de conhecimento que informa e dá voz àquele que vê ou interage, o que certamente deixa marcas positivas, aumenta a empatia e a disponibilidade de tornar a experiência significativa.

3.6.2 Atualização

Por sua vez, a atualização consiste em alguma alteração ou modificação realizada a partir de necessidades científicas ou comunicacionais (CURY, 2005). Considero como atualização, a divulgação que realizei sobre a prorrogação da exposição até o dia 1º. de outubro, autorizada pela direção do câmpus, o que viabilizou a visita de amigos, familiares, servidores e alunos que não puderam comparecer ao SEPEI.

3.6.3 Avaliação

Ao final das exposições, é de praxe pedir para as pessoas que as visitam deixarem comentários sobre o que viram, compartilhem suas percepções, deem sugestões de aperfeiçoamento. Considerada uma ferramenta, a avaliação é utilizada para a compreensão e aprofundamento do trabalho desenvolvido em uma exposição. Portanto, deve ser oportunizada ao público a chance de contar qual a sua experiência com o tema abordado, como interagiu com a exposição, o que e como aprendeu (IBRAM, 2017).

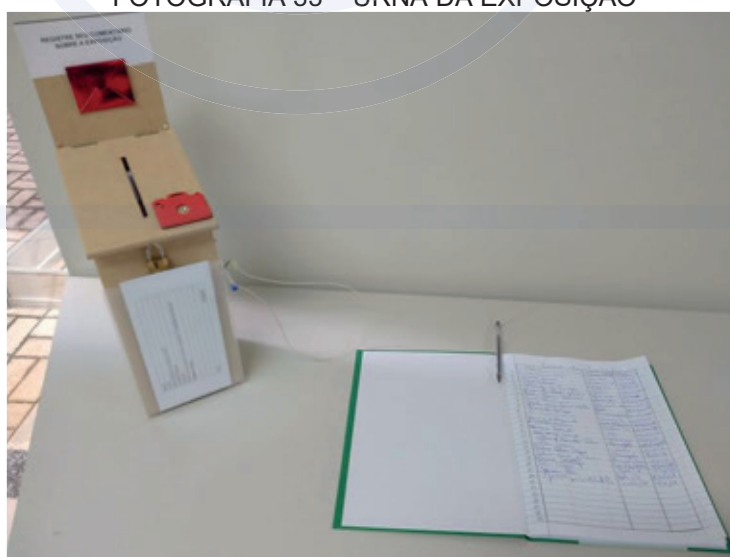
Realizei a avaliação somativa, também conhecida como pesquisa de recepção. Esse tipo de avaliação analisa a interação entre a exposição e o público e colabora para o planejamento de outras exposições e alterações na exposição avaliada (CURY, 2005). Para tanto, confeccionei um formulário apresentado no quadro 6 para o preenchimento pelos visitantes, o qual deveria ser depositado na urna do evento:

QUADRO 6 - FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

Nome:
E-mail:
Você trabalha e/ou estuda no IFSC?
Unidade/ Câmpus:
Profissão:
Registre seu comentário sobre a exposição: O trabalho dos TAE em Imagens e Textos
Obrigada por sua visita! Data:

FONTE: Elaborado pela autora (2018).

FOTOGRAFIA 33 – URNA DA EXPOSIÇÃO



FONTE: Exposição O trabalho dos TAE em imagens e textos (2018).

3.6.3.1 Aprofundando a avaliação

O SEPEI é um evento acadêmico anual que gera um impacto bastante positivo na comunidade interna e externa do IFSC. Conforme dados obtidos junto ao IFSC por meio da Lei de acesso a informação (LAI), o SEPEI 2018 totalizou:

QUADRO 7 - INDICADORES SEPEI 2018

Número de participantes inscritos	Trabalhos inscritos	Custo do evento (valor executado)
2.213	408	525.262,92

FONTE: PROEX (2018).

Diante da expressividade desses números, podemos constatar a magnitude do evento e a sua importância para a Instituição como um todo. Realizar a exposição fotográfica durante o SEPEI proporcionou legitimidade ao meu produto educacional. Ademais, a demanda programada de participantes no evento (2.213 inscritos) contribuiu para alcançar os objetivos elencados na concepção da exposição, como proporcionar visibilidade e protagonismo ao trabalho do técnico-administrativo em educação que trabalha na educação profissional e tecnológica.

A imagem 34 retrata o painel de entrada ao evento e contém um resumo de toda a programação:

FOTOGRAFIA 34 – PROGRAMAÇÃO DO EVENTO



FONTE: A autora (2018).

A seguir, as imagens 35 e 36 ilustram o Câmpus Florianópolis-Continente do IFSC, referência na oferta de cursos nas áreas de turismo, eventos, hospitalidade e gastronomia. Primeiramente, na imagem 35 pode-se observar uma das tendas montadas especialmente para o evento:

FOTOGRAFIA 35 – VISTA DO CÂMPUS FPOLIS-CONTINENTE



FONTE: A autora (2018).

Localizado na região continental de Florianópolis, com a mais bela vista da Baía Sul, a estada no Câmpus se torna essencialmente agradável pela vista que se descortina.

FOTOGRAFIA 36 – VISTA DA BEIRA MAR SUL



FONTE: A autora (2018).

Felizmente, alguns visitantes se dispuseram a deixar comentários na urna do evento, que foram consolidados no quadro 8:

QUADRO 8 - AVALIAÇÕES DOS VISITANTES

Data da visita	Profissão	Comentário/feedback
18/09	TAE	Muito interessante e relevante sua pesquisa sobre identidade do TAE, acredito que nem sempre nós "TAES" temos oportunidade de refletir sobre nossas ações individuais e perceber a contribuição para missão e visão institucional.
18/09	Estudante	Gostei bastante, interessante ver a voz desses TAES atreladas às imagens. Por se tratar de identidade, senti falta de uma foto desses TAES, para além de seu nome, saber quem são!
18/09	TAE	Excelente trabalho, maravilhosos os depoimentos. A relação entre imagem e os depoimentos ficaram ótimos. Parabéns!
18/09	TAE	A humanização das relações do trabalho com o espaço físico, com as pessoas e com a vida!
18/09	Não informado	Fica um pouco difícil conhecer a identidade por frases apenas, seria interessante estar na exposição o recorte de classe, cor, qual o nível na carreira dos TAE etc.
18/09	TAE	Muito bom o trabalho, apenas uma sugestão: de mais TAES dos Câmpus poderem expor suas falas, pois quem trabalha na Reitoria não têm ideia da sua função no IFSC. A Reitoria é um "mundo a parte", infelizmente.
19/09	TAE	Oi Eveline. Estive em sua exposição. Parabéns! Ficou bem legal! Percebi que as pessoas param mesmo para observar.
19/09	TAE	Tá linda a exposição. Parabéns.
19/09	TAE	Ficou show!
19/09	TAE	Senti falta de pessoas (alunos, professores, taes) nas fotos... Acho que eles são a maior representação do nosso trabalho. Parabéns pela exposição.
20/09	TAE	Tenho orgulho e satisfação de fazer parte do IFSC, proporcionando educação de qualidade a toda população que busca o conhecimento. Ótimas fotos!
27/09	Docente	Adorei a exposição. Percebo uma sensibilidade do olhar do TAE sobre o serviço/atividade de outro TAE, apresentando um movimento em rede.
27/09	Docente	Parabéns pelo lindo trabalho! O primeiro produto educacional do ProfEPT!
27/09	Docente	Muito interessante a exposição.
27/09	Docente	A composição da sequência de imagens tem como possibilidade narrar a representação de servidores sobre os mais diversos espaços de atuação profissional. Essa narrativa pode ser composta também com o suporte filmográfico.
28/09	Visitante/ Aposentado	A exposição estava muito bonita e organizada. Sem dúvida o trabalho do TAE é muito relevante para a educação brasileira.
28/09	Visitante	Não sabia que o TAE fazia tantas atividades dentro do IFSC. A gente logo pensa em professores e alunos quando pisa numa instituição de ensino, mas pelo que pude compreender com a exposição é que o trabalho do TAE tem um grande valor e mereceu ser tão bem destacado e homenageado.

FONTE: Elaborado pela autora (2019).

Convém esclarecer que, em que pese alguns *feedbacks* recebidos sobre a ausência de pessoas nas fotografias, a proposta consistiu em montar uma exposição

composta de uma sequência de imagens que tivesse como possibilidade narrar a representação do TAE sobre os mais diversos espaços de atuação profissional. Fica delineada, desta forma, uma possível sugestão para trabalhos futuros.

Uma das minhas primeiras ações foi atender a sugestão de uma visitante docente de que a narrativa dos técnicos-administrativos poderia ser composta com o suporte filmográfico. Dessa forma, elaborei um vídeo com duração de quatro minutos, um *making-of* da elaboração do meu produto educacional, ou seja, um documentário de bastidores, que registra em imagem, textos e sons todo o processo de produção da exposição fotográfica “O trabalho dos TAE em Imagens e Textos”. O roteiro desse vídeo e a coletânea de fotografias da exposição estão registrados na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de acordo com o art. 7.º da Lei nº. 9.610/98 (BRASIL, 1998).

No mês de novembro de 2018, estive no IV Seminário de Alinhamento do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) em Goiânia representando a região Sul, ocasião em que participei da mesa redonda “Pesquisas de mestrado profissional: trajetórias e estado atual” juntamente com outros quatro alunos do ProfEPT representantes das demais regiões do país. Ao término da minha fala, apresentei pela primeira vez publicamente o vídeo *Making-of do meu produto educacional*, que foi muito bem aceito pela audiência e referenciado, inclusive, em outros momentos do seminário por palestrantes. Em virtude de o vídeo abordar o processo de construção da exposição, pude comprovar perante a plateia a aplicação do meu produto educacional.

Ao retornar de Goiânia, tinha várias solicitações e perguntas, tanto de alunos quanto de professores, para responder e que continuavam chegando por meio de *WhatsApp* e correio eletrônico. Foi então que percebi a necessidade de criar um *blog* para compartilhar a minha experiência com quem tivesse interesse e priorizar a comunicação por meio deste canal: <https://taexposicao.blogspot.com>.

Diante de todo o exposto, exercício fascinante foi o de capturar por meio de uma câmera uma série de lugares que revelam o cotidiano laboral de técnicos-administrativos em educação da EPT; perceber detalhes sobre a arquitetura das edificações; o *layout* dos laboratórios; o estoque de reagentes químicos abastecido; particularidades acerca das atividades desenvolvidas através dos cartazes fixados

nos laboratórios, nas salas de aula, nos banheiros, nos corredores, nos murais; o silêncio da biblioteca e o burburinho no pátio arborizado; o lembrete discreto sobre uma reunião agendada no quadro magnético, o comum e o suspeito, o explícito e o implícito... Afinal, “o contexto é necessário para dar sentido a qualquer pessoa, evento ou coisa” (CLANIDININ; CONNELLY, 2015, p. 65).

Enfim, são muitos os desafios que uma exposição nos coloca. Posso afirmar que desenvolvi novas habilidades desde a qualificação do meu projeto de pesquisa até o dia da desmontagem da exposição. Um período intenso - de pesquisa, de estudo, de leituras, de diálogo com profissionais de outras áreas, de criatividade, de troca de ideias, de dúvidas, de inseguranças, de tomada de decisões - tudo confluiu para oferecer uma experiência de qualidade para o público.

4 O último flash

O homem produz sua própria existência em interação com outros homens em um contexto social, de modo que espaços de trabalho constituem-se como espaços de socialização com diferentes sujeitos. Os seres humanos são ativos ante a realidade: exercitam a reflexividade buscam sentido para as experiências vividas, apropriam-se, recusam ou (re) significam mensagens.

As fotografias deflagraram diversas reflexões e a construção de diálogos sobre o fazer do TAE na EPT. Reconhecer, dar visibilidade e valorizar o trabalho desse profissional perpassa mostrá-lo para o grupo, para a comunidade acadêmica onde atua, para o mundo seus saberes, suas experiências, suas contribuições, suas dificuldades, seus desafios diários.

De acordo com Berger e Luckmann “a identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada *juntamente com* esse mundo” (1999, p. 177, grifo dos autores). Portanto, o estudo do processo de constituição da identidade profissional do TAE implicou o reconhecimento desse contexto, desses lugares, desses espaços de trabalho ocupados por ele na educação e foi o que embasou a concepção do meu produto educacional.

Pasqualli, Vieira e Castaman (2018) consideram que

Temas ou ações que preocupam a EPT devem ser considerados como origem do produto final e o princípio que o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) deverá considerar nos trabalhos finais dos mestrandos, cumprindo assim a característica que fundamenta um curso desta natureza com relação às suas finalidades de qualificação profissional permitindo uma formação diferenciada de seus estudantes (116-117).

Entendo que essa formação diferenciada mencionada pelos autores exige estarmos preparados para saber articular a relação entre o interesse pessoal e o senso de relevância e amplas preocupações sociais, no trabalho e na vida das pessoas.

Dentre as sugestões de trabalhos futuros, destaco o recente trabalho de mestrado de Checchi (2018). A partir das fotografias tiradas pelas próprias participantes da pesquisa, catadoras de uma cooperativa de materiais recicláveis da

cidade de Araraquara, elas contribuíram com importante fonte de dados para sua pesquisa, pois além da imagem como recurso para se chegar a compreensões sobre o mundo-vida das participantes, Checchi realizou entrevistas individuais pautadas nas fotografias e rodas de conversa em que as catadoras reunidas puderam compartilhar as fotografias e significados dados à coleta solidária de recicláveis. Em decorrência do seu trabalho, exposições fotográficas também foram realizadas na cidade de Araraquara, município no interior do Estado de São Paulo.

Na contemporaneidade, o trabalho do TAE se reinventa e se mantém vivo para quem estiver de olhos bem abertos. Entretanto, é necessário que a educação seja cada vez mais inclusiva e contemple alunos com qualquer tipo de deficiência, inclusive aqueles que não enxergam com os olhos bem abertos. Assim, fica a sugestão para trabalhos futuros que utilizarem imagens, contemplarem em seus produtos educacionais o recurso da audiodescrição².

A fotografia oportunizou a evidenciação dos contextos de existência dos participantes. Para finalizar, cito o fotógrafo norte-americano Emmet Gowin, cujo trecho poderia resumir o meu caminhar investigativo em busca “da experiência capturada”:

A fotografia é um instrumento para lidar com coisas que todos sabem mas que não prestam atenção. Minhas fotos tencionam representar algo que não se vê (GOWIN apud SONTAG, 2004, p. 216).

² A audiodescrição é um recurso que traduz imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão consigam compreender conteúdos audiovisuais ou imagens estáticas, como filmes, fotografias, peças de teatro, entre outros. Nas redes sociais também é cada vez mais comum o uso de hashtags como #pracegover com descrições de imagens, permitindo um acesso mais amplo.

5 Referências

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 21 nov. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.610, 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 fev. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 18 nov. 2018.

CHECCHI, Conrado Marques da Silva. **Mulheres catadoras fotografando o mundo-vida, revelando processos educativos**. 2018. 344 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9919?show=full>. Acesso em: 5 fev. 2019.

CODO, Wanderley. A arte de não fazer. O funcionário público faz o que precisa ser feito? In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley. (Orgs.) **Saúde mental e trabalho**: leituras. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 296-308.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO Wanderley. (Orgs.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 58-75.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. 2. ed. revisada. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume: 2005.

DUBOIS, Phillipe. **El acto fotográfico**: de la representación a la recepción. Barcelona: Paidós, 1986. Disponível em: https://seminario3vivianasuarez.files.wordpress.com/2015/04/el-acto-fotogracc81fico-_philippe-dubois.pdf. Acesso em: 28 jan. 2019.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Trabalho apresentado na **II Reunião de Antropologia do Mercosul**, realizada no Uruguai em novembro de 1997. Disponível em:

<https://renatoathias.wordpress.com/leituras/fotografar-para-descobrir-fotografar-para-contar>. Acesso em: 28 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus, 2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Caminhos-da-Mem%C3%B3ria-Para-fazer-uma-exposi%C3%A7%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA (IFSC). **Manual da Marca IFSC**. Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.ifsc.edu.br/documents/30669/131036/IFSC_manual_marca_2017.pdf/24acb898-ef8e-54cf-dae9-c6f539debe19. Acesso em: 11 ago. 2018.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LINDNER, Luís Henrique; BLEICHER, Sabrina. **Produzindo e experimentando recursos educacionais**. Florianópolis: Cerfead, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://moodle.ead.ifsc.edu.br/mod/book/view.php?id=82437&chapterid=16228>. Acesso em: 19 out. 2018.

MAGALHÃES, Caroline S. Campos Arimatéia. **Trabalho educativo do técnico-administrativo do IFRN/CNAT**: consensos e dissensos. 2016. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/932>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MONLEVADE, João Antônio Cabral de. História e construção da identidade: compromissos e expectativas. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 3, n. 5, p. 339-352, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/27/321>. Acesso em: 6 jan. 2019.

NAKAOKA, Alex. Sylvia Caiuby (Org.). Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 25, p. 462-468, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/138777/134116>. Acesso em: 26 jan. 2019.

NOVAES, Sylvia Caiuby. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Ed. Hucitec/CNPq, 1998.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 29, n.79, p. 309-321, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n79/02.pdf>. Acesso em: 7 jan.2019.

PALUDO, Augustinho Vicente. **Administração Pública**: teoria e questões. 2. ed revista e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PASQUALLI, Roberta; VIEIRA, Josimar de Aparecido; CASTAMAN, Ana Sara. Produtos educacionais na formação do mestre em educação profissional e tecnológica. **Educitec**, Manaus, v. 4, n. 7, p. 106-120, jun. 2018. Disponível em: <http://www.ifam.edu.br/educitec>. Acesso em: 7 jun. 2018.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2. p. 23-60, jul./set. 1995. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/atual/pdf/n2/HA-v1n2a04.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TELLES, João Antônio. Pesquisa educacional com base nas artes: pensando a educação dos professores como experiência estética. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 509-530, set./dez. 2006.



AUTORA

Eveline Boppré Besen Wolniewicz é natural de Timbé do Sul - SC, possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002), graduação em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2007) e especialização em Orientação Profissional voltado ao Mercado de Trabalho pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2006). Em 2017 ingressou na primeira turma do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, com aulas no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, sendo orientada pelo Prof. Dr. Nilo Otani e pela Profª Dra. Marimar da Silva. Ocupa o cargo de Administradora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



ORIENTADOR

O professor Dr. Nilo Otani é natural de Maringá – PR. É docente do Instituto Federal de Santa Catarina no Centro de Referência em Formação e EaD (Cerfead/IFSC). Pós-Doutor pela Florida Christian University; Doutor pelo EGC/UFSC; Mestre em Administração CPGA/UFSC; Especialista em Formação EaD (SEI/UNIP); Bacharel em Administração (PUC/SP). É pesquisador na área de Ensino com foco na Educação Profissional e Tecnológica.



COORIENTADORA

A professora Marimar da Silva é natural de Florianópolis – SC. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (1976), especialização em Metodologia de Ensino pela Universidade do Sul de Santa Catarina (1998), mestrado (2003) e doutorado (2009) em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professora efetiva do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, pesquisando principalmente os seguintes temas: formação de professor de línguas estrangeiras; ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras na educação básica, técnica e tecnológica; e tecnologias digitais na formação de professores da educação básica.

Reprodução proibida: Artigo 184 do Código Penal e Lei nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

De acordo com o art. 7.º da Lei de regência (Lei n.º 9.610/98) são obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro.

*A Exposição fotográfica “O Trabalho dos TAE em imagens e textos” e o roteiro do vídeo “Making-of do meu produto educacional” estão registrados na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Escritório de Direitos Autorais, sob os números de registro **799.794** e **799.795**.*

Todos os direitos reservados.